

Um lugar para a História da Arte/Educação nas Universidades

A place for History of Art/Education in Universities

Ana Mae Barbosa

* Doutorado, Ed D, Boston University nos Estados Unidos. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Design, Arte e Tecnologia, na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), e Professora Titular Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, São Paulo/SP – Brasil. Rua Monte Alegre, 1003, Apto 41, Perdizes, São Paulo/SP. anamaebarbosa@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4966-2043>.

Resumo |

A primeira parte deste texto pretende mapear na produção da autora os livros de pesquisa em História do Ensino das Artes Visuais. Na segunda parte, apresenta os congressos, encontros e simpósios sobre História do Ensino/Aprendizagem da Arte, como estratégias para estímulo à pesquisa nessa área de estudos, e cita as apresentações de dois livros esgotados, resultantes de Congressos realizados pela pesquisadora em 1984 e 1989.

Palavras-chave: História. Artes Visuais. Ensino. Aprendizagem.

Abstract |

This text maps in the author's production the research books on the History of Visual Arts Teaching. It presents the congresses, meetings and symposiums on History of Teaching / Learning of Art as strategies to stimulate the research in this area of studies and recuperates the presentations of two, out of print, books resulting from Congresses held by the researcher in 1984 e 1989.

Keywords: History. Visual Arts. Teaching. Learning.

Há quase cinquenta anos, foram criadas as licenciaturas em Artes Visuais, Artes Cênicas e Música no Brasil, e até hoje em muitas Universidades não se estuda a História do Ensino das Artes. Comecei a estudar a história do Ensino das Artes Visuais no Brasil em 1972, para o meu Mestrado nos Estados Unidos. Ver o Brasil estando fora do país foi um exercício de pertencimento, busca de identidade e reconhecimento do processo contínuo de colonização ao qual somos submetidos, mas também do reconhecimento das lutas para constantemente atualização do Ensino/Aprendizagem das Artes.

Minha pesquisa para o Mestrado, financiada pela Fundação Ford, produziu o livro *Arte/Educação no Brasil: das origens ao modernismo*, publicado pela Editora Perspectiva, em 1978. Foi um longo e profícuo trabalho de garimpagem em fontes primárias. Deparei-me com a surpreendente influência, no que diz respeito ao ensino da Arte no início do século XX, do jornal *O Novo Mundo*, editado em New York, por José Carlos Rodrigues para ser enviado ao Brasil. Esse jornal fez a propaganda das ideias liberais que privilegiavam o ensino de princípios do “design”, que vigoraram no Brasil por quase noventa anos (1882–1971), defendendo os princípios liberais da Arte/Educação como preparação para o trabalho; o qual algumas vezes tomou o nome de Artes Industriais e, outras vezes, de Trabalhos Manuais e, frequentemente, limitou-se ao ensino do Desenho Geométrico, numa interpretação aliada ao positivismo.

Na época dessa pesquisa, iniciava minhas atividades como professora na Universidade de São Paulo, na qual trabalhei por vinte e seis anos, na Escola de Comunicações e Artes, onde estruturei a linha de pesquisa de Ensino /Aprendizagem da Arte na Pós-Graduação em Artes Visuais, e ainda hoje, em 2019, continuo a orientar estudantes de doutorado. Orientei a mencionada linha de pesquisa em direção ao entendimento da Arte/Educação como mediação entre Arte e Público, dando-lhe uma característica multicultural. O conceito de

Arte/Educação como mediação foi construído no meu constante trabalho participativo com os colegas de Comunicação. Aliás, trabalhei tão estreitamente com eles, que cheguei até a escrever um texto sobre Interdisciplinaridade no Ensino da Comunicação publicado, em livro organizado por jornalistas. Já minha adesão aos conceitos de multiculturalidade e interculturalidade foi reforçada pela política cultural da universidade americana onde fiz Doutorado, a Universidade de Boston, a primeira universidade de brancos nos EUA a aceitar alunos negros; a mesma universidade onde estudou Martin Luther King e onde ele depositou seus arquivos.

Daí resultou que, entre 1983 a 1993, foram defendidas na ECA trinta e seis teses sobre Arte/Educação abordando não só o ensino básico e universitário, mas também a Arte/Educação em museus, em manicômios, em candomblés, em escolas de samba e na rua, embora minha paixão pessoal já fosse a História. Atualmente, continuo orientando na ECA/USP, no Doutorado, mas apenas temas ligados à História do Ensino das Artes e Culturas Visuais. Oriento também no Mestrado e Doutorado do Programa de Design da Universidade Anhembi Morumbi, onde estruturei as Disciplinas de História do Ensino da Arte e do Design e Estudos Visuais.

Hoje, julgo que, em meu primeiro livro sobre História do Ensino da Arte, já mencionado, operei com uma narrativa dominada pela diacronia, embora de cunho interpretativo. É, entretanto, um dos meus livros mais vendidos pois traz informações originais na época acerca de assuntos não pesquisados posteriormente. A pesquisa que se seguiu para meu Doutorado me satisfez muito mais, porque orientou-se em direção à micro história. Resultou no livro *Recorte e Colagem: influência de John Dewey no ensino da Arte no Brasil*. (São Paulo: Editora

Cortez, 1982)¹. Analisei a recepção de John Dewey no Brasil através do estudo dos casos de Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro que traduziram, em seus sistemas educacionais, as ideias de Dewey de maneiras radicalmente diferentes.

Quando diretora do MAC/USP (1987/1993), por sete anos interrompi minhas pesquisas históricas para me dedicar a estudos de Museus, a pesquisas metodológicas e a uma reflexão filosófica sobre Arte e seu ensino, tendo publicado vários livros sobre esses assuntos, pautados na utopia da Interculturalidade. Destaco duas pesquisas neste período. Uma delas foi encomendada pela UNESCO, através da International Society of Education through Art, a qual posteriormente presidi, sobre a recepção da obra de Arte no ensino fundamental foi pedida a seis especialistas de diferentes países (Estados Unidos, Inglaterra, França, Canadá e Brasil). Fui a pesquisadora convidada do Brasil, e meu trabalho está publicado no livro, *A imagem no ensino da Arte* (São Paulo: Editora Perspectiva, 1991), também publicado em espanhol, no México em 2015.

Esse trabalho me despertou o interesse pelos estudos comparativos entre Modernismo e Pós-Modernismo na Arte, na Educação e no Ensino da Arte ao verificar o encastelamento dos professores modernistas em suas verdades absolutas que iam da ideia de que arte não se ensina à supervalorização da originalidade passando ainda pelo conceito de Arte como transcendentalismo, confirmador do slogan de que a arte não é para ser entendida.

Novamente, uma pesquisa me foi encomendada por Elliot Eisner, desta vez para o BIE, Bureau Internacional de Educação de Genève, sobre o ensino da Arte como Cultura, o que me levou a aprofundar pesquisas sobre Arte/ Educação pós-moderna, chegando à

¹ Este livro teve duas edições, uma em 1982 e outra em 1989. O livro foi revisto e atualizado, e está na oitava edição, reintitulado *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil* (2015).

conclusão de que estávamos ensaiando os primeiros passos em direção aos princípios da multiculturalidade e diversidade como reconhecimento das diferenças, e interculturalidade como operacionalidade imagética. Os resultados, em teoria e na prática de museus, exposições e experiências educacionais, estão expressos no livro *Tópicos Utópicos* (Belo Horizonte: Editora Comarte, 1998) que escrevi, em parte, com uma bolsa da Fundação Rockefeller em Bellagio (Itália), e editei sob pressão generosa de Lucia Pimentel. Durante minhas pesquisas para os dois últimos livros citados, deparei-me, principalmente ao analisar as relações comunicativas no interior dos sistemas educativos, com o grande compromisso da imprensa com a divulgação, o apoio e, diria até, com o marketing das ideias, dos objetivos e dos métodos modernistas de Ensino da Arte desde os inícios do processo de modernização da Arte/Educação nos anos 1920. Em contrapartida, a reconstrução pós-moderna que encontrou enormes resistências entre os educadores, recebeu da imprensa muito pouca atenção.

Retornei aos estudos históricos como centro de minhas pesquisas durante uma bolsa Fulbright no Teachers College da Columbia University e como “*by product*”, posteriormente organizei o livro *Ensino da Arte: memória e história* (2008), pela Editora Perspectiva, com textos de excelentes teses defendidas sobre História do Ensino da Arte.

Terminei em março de 2016 uma pesquisa financiada pelo CNPq, cujos resultados foram expostos no livro *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*, publicado em junho de 2015 pela Editora Cortez, São Paulo, com 456 páginas. O livro responde às questões sobre em que medida o apoio da mídia ao ideário modernista da Arte/Educação foi responsável pelo apego à prática modernista até os dias de hoje. Mostra como a exposição à mídia facilitou a consolidação e a longa permanência do modernismo no ensino da Arte.

Demonstra a extensão do apoio das mídias à modernização do Ensino da Arte. Comprova que, através da história da recepção midiática, pode-se traçar a história da modernização do ensino da Arte. Avalia o grau de influência sobre a mídia que tiveram arte/educadores e jornalistas como Cecília Meireles, que tanto batalhou pelo Cinema na Escola e Augusto Rodrigues, o criador da Escolinha de Arte do Brasil (1948) que localizei como marco da institucionalização do modernismo no Ensino da Arte. O assunto central do livro, que foi premiado com o primeiro lugar do Jabuti de Educação e Pedagogia, 2016, é o ensino do Desenho e das Artes Visuais de 1922 a 1948, estudados principalmente através dos artigos e das notícias dos jornais da época.

Vivemos um momento em que a interdisciplinaridade é valorizada como tópico de avaliação dos cursos universitários e defendida teoricamente pela CAPES, que não sabe bem o que fazer quando os cursos são realmente interdisciplinares, como, até 2018, foram os do currículo do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Entravam com alunos e, depois de um básico comum, escolhia-se entre cinco terminalidades. Agora, continuam entrando com alunos, mas eles têm que escolher a terminalidade. Desde o início, são vinte para cada terminalidade.

Por que no Brasil o sistema dos *Colleges* americanos nunca deu certo? Nas Universidades brasileiras, estamos pelo menos cinquenta anos atrasados em Gestão Curricular (e não na qualidade do ensino), o que é pelo menos perturbador. Já na avaliação dos Professores Universitários e de Projetos de Pesquisa, a CAPES é mais confusa ainda, ao pregar a interdisciplinaridade e dar pontuação baixa aos professores e projetos interdisciplinares. O professor especialista em uma área, um tempo e um espaço, ainda é o mais respeitado pela CAPES e pelos colegas. No meu caso, escrever sobre História da Arte/Educação, me torna marginal pelo menos em três áreas do

conhecimento. O que consola é o mote de Hélio Oiticica: “Seja Marginal, Seja Herói”. No prefácio desse livro, escrevi:

Os historiadores não me consideram historiadora, porém arte-educadora. Os educadores não me veem como colega, mas como alguém que lida com ensino da Arte e a maioria nem sequer reconhece os arte-educadores como categoria funcional. Para alguns artistas sou educadora e vista com suspeição, porque imaginam que os educadores apenas querem submeter a Arte indomável ao sistema de ensino. Para os artistas mais culturalistas sou alguém que estuda História do Ensino da Arte, tendo até feito “descobertas” interessantes sobre a influência político social na determinação dos padrões de ensino.

Nesse triângulo amoroso em que se debate a minha cognição: História, Educação e Arte, é muitas vezes difícil manter a consciência das ambiguidades (BARBOSA, 1986, p. 1).

Durante minha vida profissional, usei os Congressos como instrumento de divulgação das pesquisas sobre História do Ensino da Arte. Organizei muitos Congressos desde 1980, quando a Semana de Arte e Ensino na ECA/USP deu o pontapé inicial em direção à redemocratização do Ensino da Arte que se consolidou em 1983, no Festival de Inverno de Campos do Jordão, dedicado ao Ensino público das Artes (BREDARIOLLI, 2009). Mas, sobre História do Ensino da Arte, o primeiro foi intitulado I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação, de 1 a 4 de agosto de 1984, na ECA/USP. Continuo, no mesmo Prefácio:

Nunca havia se realizado em nenhum outro país um encontro sobre História da Arte/Educação. Mesmo os americanos, onde as pesquisas em Arte-Educação são mais avançadas, ficaram entre temerosos e esperançosos acerca do sucesso do Simpósio. Nos Estados Unidos, segundo eles, o desinteresse pela História da Arte-Educação se reflete na dificuldade que os estudiosos têm encontrado para financiar suas pesquisas.

Foi precisamente na luta para obter financiamento para o Simpósio que me deparei com uma série de preconceitos.

Para aqueles que pensam a História como a superestrutura do conhecimento numa visão cultural britânica, era quase uma heresia falar de História da Arte-Educação, porque Arte-Educação não tem *status* acadêmico que lhe permita ter história. Para os Arte-Educadores espontaneístas, adeptos do “dar lápis e papel à criança e deixar fazer”, a Arte-Educação não tem História nem precisa ter, porque se configura no “aqui e agora”.

Contudo, o “aqui e agora” estão carregados de historicidade, levando à clarificação e à interpretação do mundo de símbolos, cuja significação torna concreta a análise do “aqui e agora”.

Aquilo que consideramos fatos históricos são na realidade símbolos que nos permitem recriar, imaginativamente, o passado.

Hayden White em *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth Century Europe* (1974) diz que sobre a superfície de uma operação investigadora o historiador constrói, ou pelo menos nos leva a construir, uma operação narrativa. Onde estão as diferenças entre estória e história? O historiador é antes de tudo um contador de estórias. Para White, “história é um conjunto de documentos que atestam a ocorrência de eventos, mas que podem ser ajuntados de inúmeras maneiras, seguindo diferentes narrativas plausíveis, embora algumas vezes contraditórias, que contam o que aconteceu no passado”.

História não é uma questão de evidência, mas uma tarefa analítica que resulta de ideologia, imaginação e plausibilidade.

História é imaginação e ajuda a liberar a imaginação. Esta concepção de história estabelece uma relação menos limitada entre cultura e tradição. Somente os seres humanos podem inventar e mudar a cultura. Contudo, para ser humano, o indivíduo precisa estar imerso educacionalmente em sua tradição.

As mentes daqueles que podem mudar a tradição estão até certo ponto aprisionadas pelo pensamento da tradição cultural que eles querem mudar.

A imaginação criadora pode resolver este impasse descortinando novos modos de pensar as experiências e acontecimentos, mas também gera impasse quando dá lugar a outras cristalizações culturais.

A imaginação transgride a objetividade, reduzindo-a aos limites do possível, mas também formula uma nova objetividade a ser transgredida.

Para Aron, uma página de história se assemelhará sempre mais a uma página de narração do que a uma página de Física. Por isso, sempre me soa mal ouvir falar de método científico para a pesquisa histórica. A História não é uma ciência, porque seu rigor é crítico e não meramente factual. Há até quem diga, como Paul Veyne, que não existe método da história, porque a história não tem nenhuma exigência a não ser a busca pela verdade: “Ela não impõe normas, nenhuma regra de jogo lhe serve de suporte, nada é inaceitável para ela”, e lembra Voltaire que dizia: “História é uma narrativa de fatos considerados como verdadeiros, ao contrário da fábula que é a narrativa de fatos considerados falsos”.

Aqueles arte-educadores espontaneístas achavam-se livres da tradição e, portanto, revolucionários. Defendiam a ideia de que Arte é parte integral da vida de todo mundo e assim devia ser tratada na escola.

Não é bastante dizer que Arte e Vida são a mesma coisa. Se Arte meramente reflete e reforça a Vida, teremos uma estagnação cultural e um reforço emocional dos estilos de Vida conhecidos e até criadoramente indesejáveis.

Arte para responder ao dilema História-Criação-Tradição-Ruptura tem que questionar a Vida e não só refleti-la. A história é um questionamento da vida atual. “A discussão das diferentes experiências pessoais é indireta; com o tempo, as aprendizagens se comunicam e o acordo acaba por se fazer, à maneira duma opinião que acaba por se impor, mas não duma regra que se estabelece (Paul Veyne, 71)”.

A ideia de estimular a pesquisa de História da Arte-Educação no Brasil através de grupos de estudos organizados em cada Estado do Brasil, que posteriormente se encontrariam no Simpósio da USP, surgiu quando dei uma aula de História da Arte-Educação e uma aluna, antes da aula, fez o seguinte comentário: História da Arte-Educação? E tem? É tão novo Arte-Educação no Brasil. Duas coisas me alertaram na pergunta: primeiro, o conceito de História como acontecimentos antigos excluindo a contemporaneidade; segundo, a ideia de que Arte-Educação surgiu no Brasil por força da lei 5.692, que passou a exigir a Educação Artística no currículo de 1 e 2º graus, a partir de 1971.

O que me assustou não foi o desconhecimento das lutas travadas no Brasil desde o século XIX por positivistas e liberais, para tornar o Desenho disciplina obrigatória nos currículos, nem o desconhecimento das inúmeras experiências de implantação de Arte na Educação, a partir da década de 20 no Brasil.

O que me assustou foi descobrir que o professor de arte se pensa sem História e História é importante instrumento de auto identificação. Não é por acaso que os colonizadores procuraram destruir a História dos povos colonizados. Ignorância da própria História torna os povos mais facilmente manipuláveis.

A História da Arte-Educação é importante para os professores de Arte, porque somos um grupo caracterizado como uma minoria. Nós somos discriminados negativamente no sistema escolar através do escasso número de horas/aula, de excesso de alunos por classe, da pobreza de instrumental, da ausência de financiamento para material e estudos avançados, da negação de credibilidade acadêmica e da suspeita de incompetência profissional generalizada.

Como qualquer outra minoria que é habitualmente desconsiderada, desenvolvemos uma autoimagem fraca e negativa.

“Então, como qualquer minoria, os Arte-Educadores precisam conhecer suas raízes, suas tradições, a herança de sua profissão, seus heróis e heroínas. Eles precisam conhecer acerca de seu passado, do mesmo modo que qualquer minoria precisa se orgulhar deste passado e de si mesmo. Nossa profissão teve origem no tempo das cavernas e nós devemos nos orgulhar dela e do que nós somos” (Robert Saunders, 1984). (BARBOSA, 1986, p. 8-1).

Fig 1: I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação, de 1 a 4 de agosto de 1984 na ECA/USP. Na mesa, Grace Freitas, Ana Mae Barbosa, Conrado Silva, Luis Humberto e Jean Claude Bernardet.



FONTE: Arquivo da autora.

O II Simpósio Internacional de História da Arte-Educação e Oficinas Experimentais ocorreu na Bahia em 1986, organizado por Olívia Barradas. O Simpósio foi muito tumultuado. Diria que não consegui fazer da História do Ensino da Arte o foco do encontro; havia passado o ano quase todo fora do Brasil e pouco participei da organização. O foco foi desviado para as Oficinas. Como havia poucas oficinas, no primeiro dia do Simpósio um grupo de estudantes se rebelou, e invadiu o auditório, na mesa de abertura na qual eu estava. Junto com uma comissão de estudantes, reorganizamos as oficinas, para dar lugar a todo mundo. Os professores experientes se ofereceram para ampliar o número de oficinas e todos os interessados puderam participar. Uma professora da Universidade de Brasília foi a campeã de oficinas, oferecendo várias sobre papel artesanal, que estava muito na moda.

Voltamos à História do Ensino da Arte com muita ênfase em 1989, no III Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História (de 14 a 18 de agosto de 1989), no MAC/USP. Para falar sobre este congresso, prefiro transcrever na íntegra a minha introdução aos Anais, organizado por Heloisa Margarido Sales. Agradeço a Sidney Peterson ter digitado o texto abaixo, pois não tenho mais o volume onde foram publicados: a FAPESP financiou uma edição limitada, e perdi meu exemplar todo anotado.

A propósito do III Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História

A Universidade de São Paulo tem liderado a luta pela excelência do ensino da arte nas escolas de 1o. e 2o. graus.

O Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História, realizado em 1989 do qual apresentamos estes anais aconteceu exatamente 9 anos depois do primeiro encontro nacional de Arte Educadores promovido pela USP, a Semana de Arte e Ensino da ECA, em 1980.

Entre os dois encontros tivemos ainda o I Simpósio Internacional da História da Arte-Educação (1984).

No encontro de 1980 a preocupação básica dos organizadores, quase todos envolvidos também nos subsequentes encontros, foi consolidar a consciência política dos arte-educadores, provocando-os a pensar sobre as razões da sua acomodação nos últimos degraus de importância na hierarquia escolar e estimulando-os a se organizarem em Associações Estaduais. Reunimos naquela ocasião 3.000 arte-educadores de todo país.

Em 1984 o I Simpósio sobre História da arte-Educação orientou a busca de identidade do arte-educador em direção a pesquisas sobre nossa própria história, a identificação dos heróis e heroínas da área em que atuamos, as consequências do desenvolvimento político e social na evolução do pensamento pedagógico em Arte. Enfim as análises históricas reforçaram a convicção da necessidade do aprimoramento da consciência histórica para aclarar o presente e desenvolver autoestima intelectual.

O III Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História de que trata este volume procurou intensificar o pensamento teórico sobre Arte-Educação e principalmente combater a apatia teórica dos arte-educadores do Brasil que interpretando erroneamente princípios modernistas do ensino da

arte dão exclusividade ao fazer espontâneo e irrefletido na sala de aula. Por outro lado em 1989 os arte-educadores do Brasil estavam se confrontando com um novo problema: a eliminação das Artes no curriculum das escolas de 1 e 2 graus pela lei de Diretrizes e Bases da Educação que começou a ser reestruturada em 1988.

Vários projetos apresentados excluíram as Artes das escolas. Os autores destes projetos inquiridos pelos arte-educadores justificavam esta exclusão afirmando que a educação brasileira precisa ser recuperada pelos conteúdos e Arte não tem conteúdo. Foi principalmente para evidenciar os conteúdos explícitos da arte que decidimos organizar o III Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História. Quase 2.000 pessoas compareceram a este Simpósio sendo 1.400 oficialmente inscritos. Tivemos a participação de 49 especialistas estrangeiros.

A convocação para este encontro foi provocativa. Na introdução do programa os parágrafos que se seguem foram caleidoscopicamente organizados para instigarem os arte-educadores a reagirem teoricamente.

“Precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que Arte seja não apenas exigida, mas, também, definida como uma matéria, uma disciplina igual às outras no curriculum. Como a Matemática e as Ciências, a Arte tem um domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em mera atividade. A anemia teórica é um dos males da arte-Educação no Brasil, mesmo na Universidade”

A prova disto é que a Universidade de São Paulo, ao findar os anos 80, viu encerrado, pelo menos temporariamente, o sonho de criar um Instituto de Artes. A principal razão foi a fragilidade conceitual do projeto que não resistiu à luta pelo poder, submetendo princípios teóricos à falsa ideologia dos interesses imediatos.

Temos poucas conquistas a comemorar no ensino universitário de Arte durante a década de 80. A mais importante foi a reorganização do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, que havia sido destruído pela ditadura militar e foi reinstituído em 1988 sem saudosismo, mas, com respeito ao passado. Ironicamente, a Universidade de São Paulo, que não conseguiu criar seu Instituto de Artes, indiretamente colaborou com a recriação do Instituto de Artes da UNB.

“Foi na USP, em 1984, durante o I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação que se iniciou o debate sobre a História, os pressupostos

teóricos e o funcionamento do antigo Instituto Central de Artes da UNB. Em uma mesa redonda que reuniu antigos e novos professores de Arte daquela Universidade, uma das novas professoras participantes, Grace Freitas, saiu dali com ânimo exacerbado e formou um grupo de aliados que iniciaram o trabalho político e conceitual de reorganização de um Instituto de Artes da UNB.”

“Para que as décadas futuras sejam mais promissoras para a Arte-Educação é necessário, primeiro, romper com o preconceito de que Arte-Educação significa apenas arte para crianças e adolescentes e afirmar Arte-Educação como investigação dos modos como se aprende arte na escola de 1 e 2 graus, na Universidade e na intimidade dos ateliers. Talvez seja necessário, para vencer o preconceito, sacrificarmos a própria expressão Arte-Educação que serviu para identificar uma posição de vanguarda do ensino da arte contra o oficialismo da Educação Artística dos 70 e 80.

Eliminemos a designação Arte-Educação e passemos a falar diretamente de ensino da Arte e aprendizagem sem eufemismo, ensino este que tem de ser conceitualmente revisto na escola fundamental, nas Universidades, nas escolas profissionalizantes, nos museus, nos centros culturais e previsto nos projetos de politécnica que se anunciam”.

“Estamos propondo com este Simpósio uma postura metodológica para o ensino da Arte baseada no modo como se aprende Arte, isto é, integrando: o fazer artístico, a leitura desse fazer individual, dos fazeres de outros e sua contextualização no tempo. O conhecimento em Artes se dá na interseção da experimentação, na decodificação e da informação”.

“Arte-Educação, é epistemologia da arte como pressuposto e como meio e o modo de inter-relacionamento entre a arte e o público, ou melhor, a intermediação entre objeto de arte e o apreciador”.

“Nem a arte-educação como investigação dos modos pelas quais se aprende arte, nem a arte-educação como facilitadora entre a arte e público podem prescindir da inter-relação entre História da Arte, Leitura da Obra de Arte e Fazer Artístico. A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou das imagens que nos cercam no mundo cotidiano”.

“Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal

se faz da imagem e 51% desta aprendizagem é feita inconscientemente. Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, prepararemos para a apreensão da gramática da imagem em movimento”.

“Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado”.

“Preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara o observador para o entendimento da imagem quer seja arte ou não”.

“Um currículo que interligasse o fazer artístico, à história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a pessoa, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, estaria ao mesmo tempo, sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura”.

“Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola será um lugar onde se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação estética de todas as classes sociais proporcionando-se, na multiculturalidade brasileira, uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos”.

“Espero que estas outras questões cruciais para o ensino da arte sejam discutidas, debatidas e aclaradas neste Simpósio”.

“O leitor poderá constatar pelos trabalhos apresentados neste livro que tais questões foram realmente debatidas à luz das teorias contemporâneas da Arte e da Educação”.

Como resultado do III Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História podemos verificar que a discussão sobre inter-relacionamento dos aspectos expressivos, culturais e gramaticais das artes visuais e do seu ensino, tornou-se presente em todos os encontros de arte-educadores e/ou pesquisadores em arte ocorridos em 1990. Destacamos os casos dos Encontros da ABPA e da ANPAP e do IV Seminário Nacional de Arte Educação. Este último que se realizou em outubro de 1990 em Montenegro, Rio Grande do Sul teve como tema: *Conhecer, produzir, refletir: educar para a competência. Competência de ver, ouvir e sentir, de expressar e fazer, de ler e apreciar*”.

“Foi o único Encontro Nacional de Arte Educação ocorrido em 1990, ano parco em atividades culturais.

Seu temário e sua programação representam a continuidade dos debates ocorridos no III Simpósio Internacional sobre o Ensino de Arte e sua História e confirmou que acertamos ao organizá-lo, porque estava na hora de começamos a pensar nos conteúdos e nas teorias do ensino da arte”.

“Agradecemos à FAPESP o financiamento para a publicação deste livro”.

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa (BARBOSA, 1990, p. 2-9).

Como vocês podem ver, a Arte mudou; a Educação mudou; o mundo mudou muito nos últimos trinta anos. Eu mudei até o modo como escrevo o nome de nossa área, hoje grafando-a Arte/Educação. Mudei em relação à Abordagem Triangular, provando, através de pesquisas, a mim mesma e aos arte/educadores, que devíamos trabalhar com processos mentais - fazer, ver e contextualizar-, e não com o "fazer, ver e História da Arte". Hoje, as pesquisas provaram que a História da Arte pode ser uma das formas de contextualização, mas nunca uma forma prescrita. A natureza do que se faz e do que se vê dita as necessidades de análise do contexto, para melhor entendimento. A cada nova experiência, me convenço que a contextualização deve se dar em relação ao "ver" e também ao "fazer", e não pode se reduzir a uma disciplina, a História da Arte. Em lugar do ver, no texto de 1989, uso como sinônimo a "apreciação", que recuso hoje, pois a palavra já carrega uma carga de aceitação prévia, que transforma muita mediação em discurso de convencimento para aceitarmos e nos encantarmos com a Arte hegemônica, que domina os museus e o mercado (algumas vezes, com propósito espúrio até de lavagem de dinheiro).

A “anemia teórica” da Arte/Educação dos anos 1980, da qual falo no texto, foi vencida. Temos hoje um *corpus* de pesquisa e de reflexão muito rico, graças aos Mestrados e Doutorados na linha de Ensino /Aprendizagem das Artes Visuais. Nos anos 1980, só a ECA/USP tinha essa linha de pesquisa na Pós- Graduação, mas as/os

Doutoras/es e Mestras/es formadas/os na USP criaram linhas de pesquisa em Arte/Educação em suas universidades de origem.

A abertura da Abordagem Triangular além de seus próprios objetivos iniciais, de sua própria dinâmica interrelacional inicial ligada a um museu, fez-se clara no Encontro sobre História do Ensino da Arte, organizado por Rejane Coutinho e Sidiney Peterson na UNESP, em 2016. A Abordagem Triangular (AT) exige escolhas e definições feitas pelo professor, contanto que não reduzam o "fazer à cópia", nem o "contextualizar" à história da vida de artista. Quando organizei, com Fernanda Pereira da Cunha, um livro vinte anos depois de experiências e pesquisas de muitos professores nas Universidades brasileiras sobre a Abordagem Triangular, *Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais* (pela Editora Cortez, em 2010), durante a pesquisa encontramos alguns projetos redutores das possibilidades amplas da AT. Mas, os textos que escolhemos publicar, são excelentes interpretações de excelentes professores. Já está na hora de outra pesquisa, para descobrir como está sendo manejada a "balzaquiana" AT, nos seus trinta anos de ação!

Naquele ano de 2016, no qual se deu o excelente Encontro da UNESP sobre História do Ensino da Arte, eu fazia oitenta anos de idade, sessenta anos de trabalho em Arte/Educação e cinquenta anos de vida em São Paulo. Me senti feliz como nunca, rodeada de minhas ex-orientandas, ex-orientandos e netos orientandos/as, vendo serem discutidas as múltiplas Histórias do Ensino da Arte.

Mas, depois de tantos anos de pesquisas, de um trabalho sério de muita gente, ainda há Licenciaturas em Artes Visuais em que não se estuda História do Ensino da Arte. Continuaremos na luta....

Bibliografia de Dissertações e Teses em História do Ensino das Artes Visuais, em ordem alfabética |

AMARAL, Claudio Silveira; **John Ruskin e o desenho no Brasil**. 2005. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo, 2005.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **Arte na Educação: o projeto de implantação de Escolinhas de Arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960 - 1970)**. Tese (Doutorado em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal do Paraná/ UFPR, Curitiba, 2008.

ARAÚJO, Roberta Maira de Melo; **O ensino de arte na educação feminina no Colégio Nossa Senhora das Dores (1885-1973)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 2004.

ARAÚJO, Roberta Maira de Melo; **Benedicta Valladares Ribeiro (1905 - 1989): formação e atuação**. 2010. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Fernando Antonio Gonçalves. **Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa**. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 2000

AZEVEDO, Fernando Antonio Gonçalves. **A recepção da abordagem triangular do ensino das artes e culturas visuais em Pernambuco; histórias e sentidos**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2014.

BARRETO, Carolina Marielli. **Profissionalização feminina e ensino de Artes: um diálogo com a Escola Profissional Feminina de São Paulo**. 2007. 214 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2007.

BENETTI, Téoura. **História da Escolinha de Artes do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM-RS, Santa Maria, 2007.

BORBA, Maria da Natividade Ramalho Borba. **Entre escritas, memórias e narrativas: rastros das manifestações da arte no colégio de aplicação João XXIII de 1978 a 1987**. Tese (Doutorado em

Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF, Juiz de Fora, 2014.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **Das lembranças de Suzana Rodrigues, tópicos modernos de Arte e Educação**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes/ ECA-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão: variações sobre temas de ensino da arte**. 2009. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 2009.

CARNEIRO Antonio, R. **A escola de arte de Alfredo Andersen, 1902-1962**. 2001. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

COSTA, Juliana Braga. **História, arte e arquitetura: Flávio Motta e o ensino como ofício**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/ FAU-USP, São Paulo, 2018.

COUTINHO, Rejane Galvão. **Sylvio Rabello e o desenho infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 1998.

COUTINHO, Rejane Galvão. **A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade**. 2002. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 2002.

CUNHA, Fernanda Pereira da. **Educação pelo olhar: aspectos das tecnologias do Ensino Intuitivo e da Informática na Arte/Educação**. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 2004.

DELMAS, Anita de A.B.B. **A construção do currículo do curso de Licenciatura em Educação Artística: desafios e tensões (1971-1983)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

DÓRIA, Renato Palumbo. **Entre o Belo e o Útil: manuais e práticas do ensino do desenho no Brasil do século XIX**. São Paulo. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/ FAU-USP, São Paulo, 2004.

DUARTE, Maria de Souza. **Educação pela Arte numa cidade nova: o caso de Brasília**. 1982. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília/UNB, Distrito Federal, 1982.

FERNANDES, Luciane Bonace. **Pelos olhos da criança: concepções do universo concentracionário nos desenhos de Terezín**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/ FEUSP, São Paulo, 2015.

FERRAZ, M. Heloisa Toledo **A escola livre de Artes Plásticas do Juquerí**. 1989. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 1989..

FERREIRA, Ilza Leal. **As escolas experimentais de São Paulo na década de 60: sua contribuição na formação do cidadão**. 1992. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 1992.

FIGUEIREDO, Flora S. P. Martins. **Atelieristas: da célula atelier ao corpo atelier**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2015.

FOERSTE, Gerda M Schütz. **Arte-Educação: pressupostos metodológicos na obra de Ana Mae Barbosa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Goiás/UFGO, Goiânia, 1996.

LIMA, Norma Maria. **Um olhar sensível na formação do Curso de Educação Artística da Universidade Federal da Paraíba: o antes, o depois e o agora**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação Programa de Educação Popular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 2007.

LIMA, Sidiney Peterson F. de. **Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2014.

NAKASHATO, Guilherme. **Das estradas e dos desvios: Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP (1984-2001) e a formação do professor de Arte**. 2017. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 2017.

NASCIMENTO, Roberto Alcarria do, **O ensino do desenho na educação brasileira: apogeu e decadência de uma disciplina escolar**. 1994. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de

Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/UNESP, Marília, 1994.

NETO, José Minerini. **Educação nas Bienais de Arte de São Paulo: dos Cursos do MAM ao Educativo Permanente**. 2015. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Auta Inês Medeiros Lucas. **Nas águas da AGA - reflexões sobre a Associação Gaúcha de Arte-educação e seus reflexos na história do ensino da arte no RS - Pelotas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas, 2014.

OLIVEIRA, Myriam Fernandes Pestana. **Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim: resgate de uma história**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória, 2013.

OSINSKI, Dulce. **Modernidade na Arte e na Educação**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba, 2006.

PEDROSA, Sebastião G. **The Influence of English Art Education upon Brazilian Art Education from 1941**. 1993. Tese (Doutorado em Artes) - University of Central England in Birmingham, Institute of Art and Design - Department of Arts, in collaboration with University of São Paulo, Birmingham, 1993.

PERES, José Roberto Pereira. **A linha mestra e o mestre das linhas: Nerêo Sampaio**. 2014. Mestrado (Dissertação em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

PINHO, Margarida Góes de Araújo. **O ensino de Artes Plásticas nos Ginásios Estaduais Vocacionais 1961-1969**. 1983. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes/ ECA-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

PINTO, Levi Fernando Lopes Vieira. **A par dum trabalhador, devemos fazer um pensador: a cultura anarquista paulistana nas práticas artísticas e pedagógicas nas Escolas Modernas nº1 e 2**. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Maria Alexandrina de Souza. **A Brasília dos pioneiros**. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Brasília/ Unb, Brasília, 2013.

SALLES, Heloísa Margarido. **Prática interdisciplinar no ensino de arte. Estudo de caso. Colégio Equipe anos 70.** 1992. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 1992.

SILVA, Everson Melquiades Araújo. **A experiência de ser e de tornar-se Arte/Educador.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2013.

SILVA, Maria Betânia. **Escolarizações da arte: dos anos 60 aos 80 do século XX (Recife - Pernambuco).** 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Maria Betânia. **A inserção da arte no currículo escolar (Pernambuco, 1950-1980).** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2004.

SILVA, Rossano. **Educação, arte e política: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto.** 2014. 341p. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba, 2014.

TRIGUIS, Carlos Ernesto. **De educando a arte/educador: um percurso; influência dos mestres.** 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2007.

VILLELA, Maria Antonieta Zaroni Pereira. **Os experimentais da Lapa e o ensino da Arte - 1969 a 1971 - vistos com olhos de educadores dos anos 90.** 1971. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ ECA-USP, São Paulo, 1971

VITORIANO, Vicente. **Newton Navarro: um flâneur na direção da Arte e da Pedagogia da Arte no Rio Grande do Norte.** 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CCSA-UFRN, Natal, 2003.

Referências |

BARBOSA, Ana Mae (org.) História da Arte-Educação - A experiência de Brasília. **I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação – ECA-USP**. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1986.

BARBOSA, Ana Mae; SALES, Heloisa Margarido (org.). **III Simpósio sobre o Ensino da Arte e sua História**. São Paulo: MAC, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil**. São Paulo: Cortez Ed., 2015.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão: variações sobre temas de ensino da arte**. 2009. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA-USP, São Paulo, 2009.

Data de submissão: 15/10/2019

Data de aceite: 15/12/2019

Data de publicação: 29/12/2019